

**CADÊ O THÉO?**



**Warley Matias de Souza**

# **CADÊ O THÉO?**



---

Souza, Warley Matias de, 1974-

Cadê o Théo? / Warley Matias de Souza. –

1ª ed. – Joinville : Clube de Autores, 2026.

172 p. ; 21 cm.

ISBN 978-65-02-03356-2

1. Literatura brasileira. I. Título.

CDD-B869

---

CADÊ O THÉO?

*Copyright* © 2026 WARLEY MATIAS DE SOUZA

Imagem de capa: *Nós*, de Ismael Nery.

Proibida a reprodução parcial ou total desta obra, por qualquer processo, sem autorização por escrito do autor.

## Sumário

- 6**    Cadê o Théo?
- 20**   O irmão tailandês
- 30**   Parafraseando Marcos
- 45**   O asqueroso Barney
- 56**   Davi e Jônatas
- 61**   A síndrome
- 70**   A costela que nos une
- 82**   O chefe sul-coreano
- 93**   A feia Policarpa
- 99**   O superpovoado ano de 2372
- 106**  O rosa é a cor mais bonita que existe
- 120**  Fascistas, graças a Deus
- 126**  Tic tac toc...
- 134**  Pet Shop Boys
- 140**  Diálogo entre o Amor e o Ódio
- 144**  A vingança é um prato que se come frio
- 155**  A bicicleta azul do meu tio

## Cadê o Théo?

Como o cachorro doméstico fica feliz quando sai na rua e pode correr livremente e cheirar o cu dos outros cachorros! Eu pensava nisso quando a campainha tocou. Mas o porteiro não tinha avisado que ia deixar alguém subir. Olhei pelo olho-mágico. E abri a porta.

Dois meninos brancos me empurraram e entraram. Um devia ter dez anos; já o outro, seis. Suas mães eram uma jovem preta e uma branca, ambas de cabelo preto.

— Cadê o Théo? — perguntou uma delas, com movimentos da cabeça e dos olhos para dentro do meu apartamento, onde os meninos pulavam sobre o sofá.

As mulheres se olharam, e uma delas falou:

— Os medíocres sempre vencem porque são a maioria.

— O quê!? — eu disse.

Elas me empurraram e entraram, puxando as malas de rodinhas. De costas para a porta aberta, eu as encarei, perplexo. Foi quando uma delas me empurrou tão forte que bati as costas na parede do corredor, enquanto ela batia a porta do meu apartamento na minha cara.

Girei a maçaneta e percebi que a porta estava trancada. Bati nela com muita força, desesperado, enraivecido. Alguns vizinhos, ao ouvirem o barulho, saíram de seus apartamentos, colocaram as mãos na cintura e me olharam com repreensão, como se dissessem a um cãozinho:

— Menino feio!

Desci com o rabo entre as pernas.

Meu celular tinha ficado no apartamento. O porteiro não quis me emprestar o dele, sequer me reconheceu. Na rua, um transeunte, apesar de desconfiado, resolveu me ajudar e chamou a polícia. Meia hora depois, a polícia chegou, ouviu minha queixa e conversou com meus vizinhos e com o porteiro. Ninguém me conhecia.

No meu apartamento, as moças mostraram a escritura do imóvel, uma delas era a proprietária. Pedi que, pelo menos, me dessem alguns de meus pertences. Com a permissão da “proprietária”, os policiais vasculharam tudo, não encontraram nada meu e pediram desculpas ao casal.

Lá embaixo, um deles me chamou de vagabundo, antes de entrar na viatura. Eu estava sozinho, sem casa, sem documentos, sem celular, só com a roupa do corpo e a sensação de que alguma coisa estava muito errada no mundo.

Fiquei horas sentado em uma praça, sem saber o que fazer. Parentes? Eu só tinha uma sobrinha, filha do meu irmão mais velho, único irmão, que morrera meses antes de ela nascer. A mãe e a criança sumiram no mundo. Amigos? Sempre fui reservado, de pouca conversa e, como diziam meus companheiros de trabalho, “sistemático”. Não tinha amigos.

O trabalho! Era domingo, e no dia seguinte sentiriam minha falta na prefeitura. A fome começava a dar sinais. Pedi ajuda a um sem-teto. Ele disse que se eu o chupasse, me

dava umas moedas. Apesar de sujo, ele era bonito. Mas o cheiro estava repugnante. Disse que se ele tomasse um banho...

— Homofóbico! — ele gritou.

E nem deu tempo de eu explicar que sou um chupador nato, que tenho uma técnica, certo movimento com a língua, que faz qualquer homem levitar, até os heterossexuais. Ele me deu um tapa na orelha e me deixou a ver estrelas. Já era noite, e uma sem-teto disse que se eu comesse a buceta dela...

— Viado asqueroso! — ela gritou, quando eu disse “não”. — Gente como você tem que morrer.

Então percebi certa agitação entre os sem-teto, havia rumores de que o prefeito fascista ia nos levar para um campo de concentração. Agora eles não eram mais os outros, agora eu era um deles. Eu estava de bermuda, camiseta e chinelo; com fome e com medo do escuro.

Saí perambulando pelo centro da cidade. Diante de um teatro, vi pessoas aguardando para assistir a um espetáculo de dança chamado *Uma bicicleta do caos*. A noite parecia nunca acabar, e eu caminhava, caminhava, às vezes voltava ao mesmo lugar, me sentava e voltava a caminhar, para fugir da fome, como se isso fosse possível.

Até ontem, eu era dono de um modesto apartamento no centro da cidade, com uma também modesta poupança no banco, e tinha direito a três refeições ao dia. E agora, estava sem teto e sem documentos, e não entendia como isso

tinha acontecido. Mas eu me prendia à esperança de que meus colegas de trabalho na prefeitura me ajudassem.

Acabei me sentando debaixo da marquise de uma loja, e, devido ao cansaço e apesar da fome e do medo, adormeci. Duas horas depois, fui acordado com os chutes do dono da loja, que me chamou de vagabundo. Levantei, meio tonto, envergonhado e com medo, como um cachorro de rua.

Na prefeitura, meus colegas de trabalho não me conheciam. Meu chefe me expulsou de lá. Enquanto o segurança do prédio me levava para fora, ouvi um dos meus colegas perguntar para outro:

— Como ele sabe nossos nomes?

E o outro responder:

— O chefe devia chamar a polícia.

Lá fora, fiquei parado na calçada, olhando para um e outro lado da rua, sem saber que direção seguir. O cheiro de pão me levou até uma padaria. Ali fiquei, como cachorro de rua, triste de fome. Eu ainda tinha vergonha de pedir.

Uma mulher idosa, sensível o bastante para perceber minha angústia, tocou em meu braço e perguntou:

— Quer que eu compre um lanche pra você, meu filho?

— Eu ficaria grato.

Ela me trouxe um pão com presunto e muçarela, além de uma garrafinha de suco. Comi rápido e com vontade. O alívio da fome me fez pensar no momento em que ela voltaria. E o banheiro? Eu já sentia uns movimentos estranhos

no estômago. Ah, quanta vergonha e humilhação.

Depois de perambular algumas horas, encontrei uma construção abandonada. Já era hora. Defiquei lá, aliviei meu estômago. Não havia como me limpar. O jeito foi ficar sujo mesmo. Antes de sair dali, encostei a testa em uma parede e chorei, de soluçar. Estava me sentindo sujo, sozinho, desamparado, revoltado, confuso. Quis morrer.

Estava com sede e com medo de pedir água. As pessoas já me olhavam com desconfiança, medo e nojo. Pedi água em um bar, mas fui enxotado pelo dono. Logo percebi que os ambientes comerciais são os que mais abominam pessoas como eu. Não querem um sem-teto, cheirando mal, em suas lojas, pois isso afasta os clientes, que não podem ser incomodados jamais.

Por volta de duas horas, vi uma empregada doméstica lavando um passeio, a mangueira esguichava água para todos os lados. Aproximei-me, cautelosamente, e, de longe, falei:

— Dona! Não fique com medo de mim. Eu estou com sede. Posso beber água aí da mangueira?

Ela teve uma breve hesitação e estendeu a mangueira. Lavei as mãos e depois bebi água. Aproveitei para molhar o rosto e o cabelo. Agradei e me afastei.

Então essa era a sensação de não existir? Não existia, era apenas uma sombra incômoda que as pessoas preferiam ignorar. Sem documentos, sem casa, sem nada. Eu não existia. Pensei em ir à polícia. Por meio de minhas digitais, ela podia me identificar. Depois de andar por horas, encontrei

um posto policial.

Tentei explicar a minha situação para o primeiro policial que encontrei. Ele achou tudo muito estranho e me enxotou como se eu fosse um cão sem dono. Ameaçou me prender. Por um momento, gostei da ideia. Talvez me dessem algo de comer. Mas minha liberdade era a única coisa que me restara.

Liberdade? Isso era liberdade?

Vi um homem sentado à porta de um banco, ele pedia “uma ajuda pra comprar algo de comer”. Quando me aproximei, ele me olhou feio e fez um gesto com a mão, como a dizer: “Vai embora, pois este ponto é meu”. Já era visível o meu estado indigente. Eu precisava deixar a vergonha e o orgulho de lado para pedir uns trocados.

Estava com fome. Estendi a mão para algumas pessoas, que se afastaram antes mesmo de ouvir meu pedido. Algumas diziam:

— Não tenho.

Outras:

— Vai trabalhar.

A maioria apenas balançava a cabeça, em negativa, ou simplesmente me ignorava. Recebi moedas, trocados que não davam para comprar uma simples refeição. O dono da loja em frente à qual eu estava com mão estendida a incomodar os passantes, me chamou e me deu dinheiro, o suficiente para comprar alguns pães e um pacote de biscoitos.

— Agora vai embora. Se eu te vir de novo na frente da

minha loja, eu chamo a polícia ou faço coisa pior.

Diante da ameaça, me afastei depois de agradecer pela esmola. Comprei pães, que comi com desespero. Na sacola, ficou o pacote de biscoitos, que eu pretendia comer à noite. Já estava anoitecendo.

Durante a madrugada, começou a fuga dos sem-teto. A guarda municipal, armada, estava capturando pessoas como nós, enfiando em caminhões e ônibus. Alguns achavam que nos levariam para campos de concentração, outros tinham certeza de que seriam assassinados. Eu me senti um cão viralata que é capturado pelo agente da carrocinha para ser morto em algum centro respeitável de controle de zoonoses.

E era assim que os agentes da guarda municipal nos viam. Alguns de nós foram transportados em velhos ônibus. Os mais incontroláveis foram trancados em carrocerias de caminhão. No ônibus em que eu estava, havia também velhos, crianças e pessoas com deficiência. Todos com muito medo, alguns tiveram os poucos bens apreendidos, ou melhor, quebrados, lançados fora.

Apenas os novatos nas ruas, como eu, ainda sentiam o sentimento de revolta e injustiça, apesar da completa inação. A maioria já sabia que a justiça só existe para os ricos, é feita por eles, para o benefício deles. A resignação é inevitável para aquele que já não tem mais nada além da miserável vida.

No caminho, humilhação, violência, espancamentos e alguns assassinatos. Quem se importava? Não existíamos. Um homem chorava porque tinha um emprego, apesar de

viver nas ruas, e agora estava sendo levado para longe de seu ganha-pão. Levou um tapa na cara de um guarda municipal, visivelmente sádico.

Depois de quase duas horas de viagem, os que estavam no meu ônibus fomos despejados em uma cidade distante. Recebemos ameaças, se voltássemos para nossa cidade de origem, eles nos matariam. Como se pudessem se lembrar de nossa cara. Para eles, não tínhamos características individuais, éramos apenas trapos desumanizados.

Perambulamos, cada um para um lado. Consegui almoçar porque a dona de um restaurante me deu um marmitex. Mas disse para eu não contar a ninguém. Senão, logo apareceria um monte de sem-teto, e ela não podia sustentar todo mundo. Agradei e comi com voracidade. A minha única refeição do dia.

Por volta de dez horas da noite, vi três homens espancando uma travesti. Dei uma de herói, fui lá tentar defendê-la. Levei uns sopapos. Mas Marta, esse era seu nome, me puxou pela mão. Fugimos, enquanto os agressores diziam palavras de ódio.

Depois de um caminho doloroso rumo à barraca de Marta, que ficava em um terreno baldio da prefeitura, ela disse, com um sorriso:

— Onde foi que você aprendeu *essas voadora*, rapaz?

Ri, rimos, senti ternura outra vez.

No dia seguinte, acordei com uma louca que passava na rua e repetia, aos gritos:

— Sai do armário, mariposa!

Como não tinha armário, saí da barraca. Onde será que Marta estava? Logo chegou com alguns pães quentinhos que descolara na padaria.

— Trago os pães em sinal de boas-vindas e agradecimento. Mas, a partir de agora, você vai ter que se virar sozinho.

Peguei três pães e, enquanto os comia, saí perambulando por aí. Ouvi um menino tagarelar. Ele passou por mim, em companhia de seu pai. E dizia o seguinte:

— Os bichos mais chatos são o cachorro, o gato, o galo e o carro. Não deixam ninguém dormir.

Marta era preta e tinha vinte anos. Fora expulsa de casa quando tinha quinze por começar a usar coisas de mulher. Porém, ela possuía traços muito masculinos e não podia comprar seios. Gostava de ler e levava para sua barraca qualquer livro que encontrava na rua ou no lixo. Ontem leu o conto *O irmão tailandês*, do escritor Arthit Chanapai.

À noite, voltei para a barraca e levei comida. Estava aprendendo a me virar. Ela me contou mais coisas de sua vida. Eu também lhe falei da minha. Disse-lhe que sou bissexual. Mas que, no passado, eu me escondia por trás de minha heterossexualidade e era bastante intolerante com os outros membros da comunidade LGBTQIAPN+.

Após ouvir os relatos recentes da minha vida, Marta comentou:

— Essa sua história é kafkiana.

Ela me disse que Théo é deus. Talvez, ela delirou, eu estivesse dentro de um livro e precisasse interpretar minha existência. Se Théo é deus, cadê o Théo?

— Às vezes, penso em morrer — ela confessou. — Mas quem não pensa, não é mesmo?

Era difícil viver nas ruas; além disso, ela era rejeitada nos abrigos pelos outros sem-teto.

— No abrigo masculino, alguns homens querem abusar de mim, comer meu cu. No feminino, elas querem o meu pau.

Eu perambulava pela cidade, quando vi um tumulto e me aproximei. Havia outros sem-teto ali, e a polícia impedia um padre de nos dar comida. Dois quarteirões depois, um pastor me prometeu comida, se eu me convertesse. Disse-lhe que era ateu.

— Então morre de fome e vai pro inferno, irmão. Você merece todo o seu sofrimento.

Uma noite, Marta me deu um presente. Ela conhecia um cara que trabalhava no cinema, já tinha dado o cu para ele algumas vezes. Ele nos deixou entrar após a última sessão e pudemos assistir a um filme francês. Só nós três, esquecidos do mundo lá fora. Foi simplesmente mágico.

Após o filme, sozinhos na madrugada, perguntei a Marta se ela cobrava para ficar com caras como o do cinema.

Ela só respondeu:

— Nada contra, mas não sou puta.

Não falamos mais do assunto.

Sem Marta, eu estaria perdido. Ela conhecia certa assistente social, que, por sua vez, tinha um amigo policial, o qual tirou minhas impressões digitais. Eu não era Jonas, como pensava, fui identificado como Alonso. Estava desaparecido havia cinco anos, tinha esposa e filha.

A assistente deixou eu tomar banho em sua casa, deu-me algumas roupas e pagou a minha passagem de ônibus. Antes de partir, despedi-me de Marta, com um beijo na boca e um abraço. Não foi beijo de paixão, nossos lábios apenas se tocaram, irmãos.

Estou em casa, finalmente, na companhia de minha esposa e de minha filha. Agora sou Alonso e estou olhando para o espelho da sala. O Jonas era preto de pele clara, alto e magro, tinha quarenta anos.

Sou Alonso, branco, trinta e cinco anos, advogado bem-sucedido. E acabo de me esquecer completamente da minha vida de Jonas. Esqueço mesmo, ou melhor, nunca fui Jonas, não sei quem é Jonas.

Minha ideologia política é de direita e defendo as seguintes pautas: criminalização do aborto, sem exceções; preservação da família cristã; combate à população LGBTQI-APN+; fim de leis antirracistas; intervenção militar; anticomunismo; diminuição dos direitos trabalhistas; mais escolas militares e religiosas; ausência de educação sexual nas escolas; privatização de empresas estatais; extinção de programas sociais do Estado; antifeminismo; criação de penas mais rígi-

das para ladrões, traficantes e assassinos; encarceramento; ataque aos povos indígenas; censura à imprensa e aos artistas etc.

Amo futebol e acho a análise daquele escritor pervertido um acinte à família brasileira. Ele compara o futebol a uma grande foda grupal. Diz ele que o jogo de futebol é como uma masturbação coletiva. Cada time se masturba em busca da penetração e do orgasmo.

Estão se masturbando, na luta pelo prazer, então “metem” e “gozam”. Mas o gozo é coletivo, pois todos daquele time comemoram. Enquanto isso, o time oposto fica deprimido, pois não conseguiu gozar, foi penetrado, foi passivo. O goleiro faz de tudo para impedir a penetração, protege o “cu” da equipe.

E há também toda uma nomenclatura sexual no futebol. A bola é símbolo do falo que busca penetrar o “cu” (gol) da equipe rival. E blá-blá-blá. Ah, essa gente de esquerda é tudo depravada e asquerosa.

E agora decidiram fazer um memorial internacional para homenagear viados e travecos depravados. Que acintel! Sou Alonso, homem branco e heterossexual. Tenho mulher e uma filha. Mulher recatada, devota a Deus. A rainha do lar, cuida de mim e de nossa filha. E odeia como eu odeio, como nossa filha já odeia, as mulheres depravadas, as feministas, os pretos e as bichas.

Frequentamos a igreja semanalmente, onde o pastor compartilha de nosso ódio, de nossa incompreensão. Só a

ditadura do Estado e o poder evangélico podem consertar este país e o mundo. Aachamos absurdo o tal memorial.

*Memorial. Cada nome contém a história de um homem gay ou de uma travesti ou de uma mulher trans que morreu por causa da AIDS. Essas pessoas não devem ser esquecidas, jamais: Abasi,... Agenor,... Alessandro,... Alice,... Allegra,... Andreia,... Anthony,... Antoine,... Antônio,... Arthur,... Ashur,... Ayo,... Baptiste,... Benjamin,... Bernardo,... Bruno,... Caio,... Caíque,... Carlos,... Celestina,... Consuela,... Davi,... Dennis,... Emily,... Emma,... Enrico,... Enzo,... Étienne,... Ethan,... Ethyl,... Eva,... Federico,... Fedora,... Felipe,... Fiorella,... Francesco,... Francisco,... Fred,... Gabriel,... Giorgio,... Giovanni,... Guilberme,... Gustavo,... Heitor,... Henrique,... Ian,... Isabela,... Jade,... Jamilla,... Javier,... Jenifer,... João,... Joaquim,... Jon,... José,... Juan,... Laura,... Lauro,... Leonardo,... Liya,... Lola,... Lorenzo,... Louis,... Lucas,... Lucca,... Luna,... Manuel,... Marcos,... Matens,... Mathieu,... Maya,... Mayleen,... Miguel,... Mila,... Murilo,... Nicolas,... Oliver,... Pablo,... Pedro,... Pierre,... Rafael,... Reinaldo,... Renato,... Ronny,... Roy,... Russel,... Ryan,... Samuel,... Théo,... Victor,... Vinícius,... Wagner,... Zaire,...*

Acordo mulher, já não tenho recordações da vida anterior. Mãe solteira, sustento meus dois filhos pequenos. Trabalho em um restaurante, sou cozinheira de mão cheia. Gosto de tomar cerveja no fim de semana com as amigas. Tenho trinta anos, muitos sonhos e algumas frustrações.

Agora sou animal no terror do abate, medo, dor, san-

gue, escuridão. Logo sou alface na boca de uma velha. E depois pedra lançada na janela de um suspeito de. Sou um deus e estendo a mão para um amigo orixá. Sou o fim.

A felicidade queimava como lixo em inverno seco.